

JAZZ

24 FEVEREIRO 2017

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Ricardo Toscano e João Paulo Esteves da Silva

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Sex 24 de fevereiro**  
**21h30 · Pequeno Auditório**  
**Duração: 1h · M6**

**Saxofone alto** Ricardo Toscano  
**Piano** João Paulo Esteves da Silva

### **Do improvável encontro entre um pugilista e um poeta**

É o duo que menos esperávamos que viesse a surgir na cena nacional do jazz. Ricardo Toscano pratica um jazz alinhado pelos moldes norte-americanos e João Paulo Esteves da Silva é europeísta na sua forma de tocar e também um dos inventores, senão o principal inventor, disso a que se chama “jazz português”, terminologia que indica não o sítio onde é criado, mas um estilo propriamente dito. Junta-os o jazz, obviamente, mas será a música deste encontro, que já está planeado prosseguir um jazz de compromisso, o compromisso possível entre um músico que também é pugilista e outro que também é poeta? Não necessariamente, mas venham daí e fiquem a conhecer as motivações deste improvável

vel projeto que é também a promessa de algo muito, muito especial...

A ideia partiu de Toscano: «Sempre fui um admirador do João Paulo e mais tarde tive a oportunidade de tocar com ele no Septeto de Tomás Pimentel. Demo-nos bem e decidi convidá-lo para fazermos esta experiência.» Com que perspectivas? «O que nos junta é o espírito do jazz. Para mim, este é comum a todas as vertentes jazzísticas (americano, europeu, latino, etc.). Trata-se da honestidade com que se toca, de tentar ser o mais honesto possível, tentar abandonar portos seguros, tentar... tentar mesmo!» O saxofonista sabe, inclusive, algo que a maior parte dos fãs do mais velho pianista ignora: «O João é um craque a tocar *standards*. Aliás, ainda não toquei com nenhum pianista português que conhecesse tanto a música de Thelonious Monk como ele.» O que quer dizer que Esteves da Silva pode ser musicalmente português e europeu, mas domina como poucos a vernacularidade afro-americana deste género musical.

Acrescenta João Paulo: «O que senti na primeira vez que ouvi o Ricardo foi... querer tocar com ele. Estas coisas vão acontecendo independentemente de todas as demais considerações, inclusive as de estilo, estética, ser jazz ou não jazz, que podem ser úteis a *posteriori* mas que, acredite-se, não passam pela cabeça quando se sente essa “vontade de tocar juntos”.» Mas porquê um duo e não outra formação maior? «Virá a seu tempo. Temos agendados dois concertos no Hot Clube em quarteto com Mário Franco e João Pereira, lá mais para

o verão. Tudo isto se prende com as circunstâncias: aconteceu que participámos, o Ricardo e eu, num concerto de homenagem a José Luís Tinoco em que tínhamos um curto momento a dois. A sensação de entendimento musical foi tão intensa que, pouco depois (ele tomou a iniciativa) formámos este duo.»

Por aquilo que acima se referiu, não surpreende que uma parte do repertório a apresentar neste concerto na Culturgest seja constituída por *standards*. Sendo Esteves da Silva o “especialista” referido por Toscano, e este um músico que aprimorou a criação de arranjos e versões de temas de figuras históricas do jazz, não faria sentido que fosse de outro modo. Mas não ficarão por aí: haverá composições originais de ambos e até momentos de improvisação totalmente livre. Revela João Paulo: «No alinhamento poderão estar *Round Midnight* ou *In Your Own Sweet Way* como peças que vamos estrear com este duo e improvisações sem outro programa que não sejam as personalidades em jogo. Tenho até notado uma tendência para o tempo de livre-improvisação aumentar de concerto para concerto.» Em todas essas abordagens será inevitável, igualmente, que fique em evidência a circunstância de ambos os intervenientes serem instrumentistas sobredotados e virtuosos, com capacidades superiores ao que é habitual encontrar. Toscano foi recebido como um “menino-prodígio” nos circuitos do jazz, quando ainda era adolescente, e Esteves da Silva ganhou vários prémios académicos de excelência. O concerto não vai ser, no entanto, um exercício

de exibicionismo. Esclarece o jovem do saxofone alto: «Nada disso. As maiores capacidades que eu tentarei exibir serão a generosidade e a honestidade. Com o João Paulo só podia ser assim.»

Esteves da Silva vê a questão de modo mais construído: «Se o virtuosismo estiver ao serviço da música, esta agradece e o mundo melhora, ainda que efemeramente. Aliás, tratando-se de música, na sua maior parte, criada em tempo real, o virtuosismo consiste tão-somente no estar à altura dos acontecimentos que forem surgindo. Aqui sim, está o risco, e é aqui que quem arrisca pode falhar, mas será por falta e não por excesso de virtuosismo. Não vamos exibir-nos e sim fazer música, simplesmente. De qualquer maneira, mais vale uma exibição de capacidades do que uma exibição de incapacidades (risos).» Neste contexto, e ainda que haja na história do jazz uma cartografia das combinações entre um saxofone e um piano, a dupla decidiu-se a esta aventura sem buscar referências condutoras. O que quer dizer que estarão mais ocupados em procurar caminhos por si mesmos do que em fazerem malabarismos com o aproveitamento dos já abertos. Afiança Toscano: «O nosso objetivo é apenas tentar fundir os nossos sons de forma a explorarmos a nossa musicalidade.»

«Parto para isto sem pensar em histórico algum. Sei que há projetos musicais que se constroem conscientemente sobre modelos, com pensamentos do género: deixa cá formar um grupo que seja algo entre os Pink Floyd e os Soft Machine. Nada pode estar mais longe da minha maneira de funcionar. É claro

que tenho consciência de não ser o primeiro de cada vez que toco piano, seja a solo ou em duo ou o que for. Não sou o primeiro em nada. O que está por detrás da maior parte dos meus projetos musicais é a atitude de “deixar acontecer”, de “deixar vir a música”. Depois, comentando e analisando o acontecido, será sempre possível, e até, por vezes, interessante, enquadrar historicamente», comenta o autor do emblemático álbum *Memórias de Quem*. Ora, porque existe tal predisposição, poderão até acontecer coisas sobre o palco que nos surpreendam, pelo facto de nos trocarmos as voltas quanto ao que julgamos saber sobre estes dois magníficos. Diz Toscano: «Olhem que existe um Ricardo lírico e que o João Paulo vai sincopar muito seriamente!» O seu parceiro reforça esta ideia: «Também tenho o ritmo como um elemento muitíssimo importante e considero o Ricardo um improvisador extremamente melódico e lírico (no sentido de “expressivo”, que é o que se costuma querer dizer por lírico). Prevejo que possa haver de tudo isso ou, então, nada disso, em ambos os casos com a eventualidade de a música ser indescritivelmente bela.»

Se aquele que é, para muitos, o melhor pianista de jazz em Portugal tem a poesia como segunda paixão, e se o saxofonista que renova a força e deu frescura ao nosso *mainstream* escolheu o boxe como segunda atividade, o que tal indique sobre os seus respetivos perfis psicomusicais pode levar-nos ao engano. «A poesia é uma espécie de pugilismo, muito sublimado, sim, mas que não esconde a sua origem. Os

versos, em todas as tradições, celebram os golpes, reproduzem visualmente os golpes: seja dos guerreiros, do destino, do amor, do tempo. O boxe será quase poesia concreta, baforada de verdade violenta. Velhos amigos, portanto, a poesia e o boxe, ainda que não o confessem publicamente», anuncia João Paulo. Curiosamente, esta insuspeita ligação levou-os a conversarem mais sobre pugilismo do que sobre rimas, mas Toscano está decidido a entrar pelo mundo das letras. «O meu boxe só deverá estar presente em situações mais rítmicas. O *swing* conduz-me a ele, não há nada a fazer», elucida.

Há entre estas singulares figuras do jazz “cá de casa” mais do que as diferenças (que não o são assim tanto, como verificamos) decorrentes de um ser pugilista e o outro ser poeta – há igualmente uma diferença geracional. Seria de esperar que o mais novo fosse mais “moderno”, mas as aparências mostram que a relação do saxofonista com a tradição do jazz é mais forte do que a do cinquentão pianista/ acordeonista. João Paulo acha que, também neste aspeto, não há qualquer tipo de determinismo: «Não creio que o Ricardo se contente com ser um puro *jazzman*, se é que os há, e a prova disso é querer tocar comigo.» De qualquer forma, vem de João Paulo Esteves da Silva a maior dose de irreverência neste *tête-à-tête* musical e Toscano confirma-o sem hesitações: «Sempre que toco com ele sinto que levo uma tarefa. Sinto que estou a aprender coisas novas.» No fundo, pouco haveria que um nunca fizesse do que o outro faz. Toscano «nunca

tocaria acordeão e nunca seria capaz de traduzir Hebraico» (explicação: Esteves da Silva tem um enorme fascínio pela cultura sefardita, o que tem tido tradução frequente na sua música) e João Paulo deixa para o seu amigo «o ser Ricardo, o fazer exatamente o que faz e tanto agrado provoca». Nada como a improbabilidade, em suma, para tornar o que possa ser possível numa arte. Boxe poético, chamemos-lhe.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

### Ricardo Toscano saxofone alto

Ricardo Toscano, natural de Lisboa (1993) mas criado na margem sul do Tejo (Amora, Seixal), teve ligação com a música desde muito cedo por intermédio do pai, que também é músico. Começou a aprender clarinete aos 8 anos na filarmónica local (Amora), entrando aos 13 para o Conservatório Nacional na classe de Clarinete, onde estudou dois anos; aos 15 ingressou na Escola Profissional Metropolitana, na classe de Clarinete dos professores Jorge Camacho, Nuno Gonçalves e João Ramos. Aos 16 começou as suas aulas na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, na classe de Saxofone do professor Desidério Lázaro, com quem estudou dois anos. Aos 17 entrou para a Escola Superior de Música de Lisboa no regime de sobredotado, onde ainda permanece.

Já teve aulas e *masterclasses* com Danilo Perez, Wynton Marsalis, Greg Osby, João Moreira, Pedro Moreira, Miguel Zenon, Aaron Goldberg, Kurt Rosenwinkel, Joe Lovano, Ben Street, George Garzone, Terence Blanchard e muitos outros...

Em 2011 formou o Ricardo Toscano 4teto (com André Santos, João Hasselberg e João Pereira), tendo ganho a 25.ª edição do Prémio Jovens Músicos na categoria de Jazz. No mesmo ano teve, também, o privilégio de participar no disco *Os fados e as canções do Alvim* do grande mestre Fernando Alvim, tendo colaborado com artistas como Fafá de Belém, Rui Veloso, Amélia Muge, Cristina Branco e outros.

Reconhecido na cena do jazz nacional, tem tocado com muitos dos nomes mais marcantes, como Mário Laginha, Mário Barreiros, Carlos Barretto, João Paulo Esteves da Silva, João Moreira, Nelson Cascais, Paula Oliveira, Bruno Santos, Afonso Pais, André Sousa Machado, Mário Delgado, Alexandre Frazão, André Fernandes, José Salgueiro, Júlio Resende, Bruno Pedroso, etc. E, ainda na área da música popular, com Paulo de Carvalho, António Chainho, Carlos Manuel Prouença, Rão Kyao, entre outros.

Em 2013 formou o seu atual 4teto – com João Pedro Coelho, Romeu Tristão e João Pereira – tendo atuado em festivais e salas de grande relevo como o AngraJazz, Estoril Jazz, Casa da Música, Funchal Jazz, Portalegre JazzFest ou o Centro Cultural de Belém.

Atualmente integra também o Sexteto de Jazz de Lisboa, Nelson Cascais

Decateto, Septeto do Hot Clube de Portugal, Carlos Barretto Lokomotiv, Quarteto Mário Barreiros, etc.

Integra também o corpo docente da Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e da Escola Superior de Tecnologias e Artes de Lisboa.

A sua discografia inclui muitas participações em gravações na área do jazz e outras.

### João Paulo Esteves da Silva piano

Nasceu em Lisboa em 1961 de mãe pianista e pai filósofo.

Em 1979 participou no Festival de Jazz de Cascais com o grupo Quinto Crescente.

Em 1984 completa o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional e parte para França, mantendo-se no exílio até 1992. Em 1993 grava o seu primeiro disco em nome próprio *Serra sem Fim* para a editora Farol. Em 1996 conhece o produtor Todd Garfinkle, da editora MA recordings, com quem inicia uma longa colaboração, documentada em seis discos, e que dura até 2001. Neste ano, instigado por Carlos Bica, grava um primeiro solo de piano, *Roda*, para a editora francesa L'Empreinte Digitale. Em 2003 começa a gravar para a editora Cleanfeed. O seu disco *Scapegrace*, em duo com Dennis Gonzalez, foi galardoado com o prémio Autores da SPA para o Melhor Disco de 2009.

Ao longo dos anos são inúmeras as colaborações, em concertos e discos, com músicos nacionais e estrangeiros. De destacar particularmente os traba-

lhos com Ricardo Rocha, Carlos Bica, Cláudio Puntin, Samuel Rohrer, Jean-Luc Fillon, Peter Epstein, Ricardo Dias, Dennis Gonzalez no campo da música instrumental; e também as parcerias com cantores e cantoras, Vítorino, Sérgio Godinho, Filipa Pais, Ana Brandão, Maria Ana Bobone e Cristina Branco, entre outros.

Tem vindo a trabalhar cada vez mais noutras áreas como a poesia – publicando dois livros e colaborando em revistas, de papel e *online* –, o teatro, enquanto tradutor e músico – Beckett, Ibsen, Strindberg, Brecht – e a interessar-se por aproximações e diálogos entre a música e outras artes, tendo assinado trabalhos conjuntos com o fotógrafo José Luís Neto e composto, por exemplo, a banda sonora do filme *Sem Nome de Gonçalo Waddington*.

Desde 2009 que leciona no curso Jazz da ESML. De 2012 a 2014 lecionou na licenciatura em Jazz da Universidade Lusíada.

Mantém atualmente o trio No Project, com Nelson Cascais e João Lencastre. Integra o grupo Cine Qua Non, enquanto compositor e acordeonista.

Em 2013 saiu o disco *Bela Senão Sem* com a Orquestra de Jazz de Matosinhos, no qual participa como compositor e solista. Lidera atualmente um trio com Mário Franco (contrabaixo) e Samuel Rohrer (bateria).

### Próximo espetáculo

## La nuit tous les chats sont gris

de Laurence Yadi e Nicolas Cantillon para a Companhia Instável

Dança Sex 24, sáb 25 de fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 50 min · M12



© José Caldeira / TMP

Anualmente, a Companhia Instável convida um coreógrafo de renome a criar uma nova peça para e a partir de um conjunto de intérpretes selecionados por audição. A criação deste ano, coproduzida pelo Teatro Municipal do Porto e pela Culturgest, é assumida pelo casal de coreógrafos Laurence Yadi e François Cantillon, diretores da Compagnie 7273, de que a Culturgest apresentou já *Simple Proposition* e *Climax*, em 2006, e *Romance-s*, em 2011.

### Próximo espetáculo de música

## The Rite of Trio

Ciclo "Jazz +351"

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qui 2 de março

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



O que ouvimos envolve tendências do jazz como o *hard bop* e o *free* e do rock como o metal e o *prog*, mas tal não acontece por esquematismo fusionista e sim por desprezo pela autoridade (leia-se: a autoridade do jazz e a autoridade do rock). Com esta atitude, deram corpo a uma das melhores propostas musicais surgidas em Portugal nos últimos anos.

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Delfim Sardo

#### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

#### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Receção

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)